RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

PREVALÊNCIA DE NEOPLASIA MALIGNA DE COLO DE ÚTERO EM MULHERES DE 30 A 59 ANOS NAS REGIÕES NORDESTE E SUDESTE DO BRASIL: UM ESTUDO ECOLÓGICO

PREVALENCE OF CERVICAL CANCER IN WOMEN AGED 30 TO 59 YEARS IN THE NORTHEAST AND SOUTHEAST REGIONS OF BRAZIL: AN ECOLOGICAL STUDY

PREVALENCIA DE NEOPLASIAS MALIGNAS DEL CUELLO UTERINO EN MUJERES DE 30 A 59 AÑOS EN LAS REGIONES NORESTE Y SURESTE DE BRASIL: UN ESTUDIO ECOLÓGICO

Cecília Beatriz Gomes Marques[1], João Mateus Jerônimo Nunes Valeriano[2], Larissa de Sá Santos[3], Mariana Bonfim Lopes de Oliveira[4], Emanoelli de Souza[5], André Sousa Rocha[6]

e646333
https://doi.org/10.47820/recima21.v6i4.6333

PUBLICADO: 4/2025

RESUMO

O estudo tem por objetivo analisar a prevalência da neoplasia maligna do colo do útero em mulheres de 30 a 59 anos nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, considerando a distribuição dos casos por local de internação hospitalar. Métodos: Estudo ecológico, observacional e transversal, com abordagem quantitativa, baseado em dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Foram analisadas internações por neoplasia maligna do colo do útero (CID-10 C53) entre 2019 e 2023, considerando faixa etária, ano da internação e distribuição regional. A análise utilizou estatísticas descritivas, com tabelas e gráficos para compreensão dos padrões epidemiológicos. Resultados: No período analisado, ocorreram 87.691 internações por neoplasia maligna do colo do útero, sendo 65,97% nas regiões Nordeste e Sudeste. A maior prevalência foi entre 40 e 49 anos. O aumento progressivo das internações sugere atraso no diagnóstico e necessidade de ações preventivas mais eficazes. Discussão: As diferenças regionais indicam disparidades no acesso à saúde, com maior número absoluto de casos no Sudeste, possivelmente devido à maior capacidade diagnóstica. O crescimento das internações reforça a importância de estratégias de prevenção, como ampliação da vacinação contra o HPV e rastreamento pelo exame de Papanicolau. Conclusão: Os achados destacam a necessidade de políticas públicas que garantam acesso equitativo à prevenção e tratamento, reduzindo desigualdades regionais e fortalecendo ações de saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Neoplasia do colo do útero. Epidemiologia. Prevenção.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the prevalence of malignant cervical neoplasm in women aged 30 to 59 years in the Northeast and Southeast regions of Brazil, considering the distribution of cases by place of hospitalization. Methods: An ecological, observational and cross-sectional study with a quantitative approach, based on data from the SUS Hospital Information System (SIH/SUS). Hospitalizations for malignant neoplasm of the cervix (ICD-10 C53) between 2019 and 2023 were analyzed, considering age group, year of hospitalization, and regional distribution. The analysis used descriptive statistics, with tables and graphs to understand the epidemiological patterns. Results: In the period analyzed, there were 87,691 hospitalizations for malignant neoplasms of the cervix, 65.97% of which were in the Northeast and Southeast regions. The highest prevalence was between 40 and 49 years of age. The progressive increase in hospitalizations suggests a delay in diagnosis and the need for more effective preventive actions. Discussion: Regional differences indicate disparities in access to health care, with a higher absolute number of cases in the Southeast, possibly due to greater diagnostic capacity. The growth in hospitalizations reinforces the importance of prevention strategies, such as expanding HPV vaccination and screening by Pap smear. Conclusion: The findings

[1] Centro universitário Maurício de Nassau Recife-PE.
[2] Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Maurício de Nassau Recife-PE.
[3] Graduanda em Medicina pela Universidade Atenas (UniAtenas), Paracatu- MG.
[4] Graduanda em Medicina pelo Curso de Medicina, Paraguay. Universidad Central del Paraguay.
[5] Graduanda em Medicina pela Universidade Positivo - UP, Curitiba PR.
[6] Doutorando em Psicologia pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR, Fortaleza-CE.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

highlight the need for public policies that ensure equitable access to prevention and treatment, reducing regional inequalities and strengthening health actions.

KEYWORDS: *Cervical cancer. Epidemiology. Prevention.*

RESUMEN
El objetivo de este estudio fue analizar la prevalencia de neoplasia maligna cervical en mujeres con edad de 30 a 59 años en las regiones Nordeste y Sudeste de Brasil, considerando la distribución de los casos según el lugar de hospitalización. Métodos: Estudio ecológico, observacional, transversal, con abordaje cuantitativo, basado en datos del Sistema de Información Hospitalaria del SUS (SIE/SUS). Se analizaron las hospitalizaciones por neoplasia maligna de cuello uterino (CIE-10 C53) entre 2019 y 2023, considerando grupo de edad, año de hospitalización y distribución regional. El análisis utilizó estadística descriptiva, con tablas y gráficos para comprender los patrones epidemiológicos. Resultados: En el período analizado se registraron 87.691 hospitalizaciones por neoplasias malignas del cuello uterino, de las cuales el 65,97% se presentaron en las regiones Nordeste y Sudeste. La mayor prevalencia se registró entre los 40 y 49 años. El aumento progresivo de las hospitalizaciones sugiere un retraso en el diagnóstico y la necesidad de acciones preventivas más efectivas. Discusión: Las diferencias regionales indican disparidades en el acceso a la salud, con un mayor número absoluto de casos en el sudeste, posiblemente debido a una mayor capacidad diagnóstica. El aumento de las hospitalizaciones refuerza la importancia de las estrategias de prevención, como la expansión de la vacunación contra el VPH y la detección mediante la prueba de Papanicolaou. Conclusión: Los hallazgos resaltan la necesidad de políticas públicas que garanticen el acceso equitativo a la prevención y el tratamiento, reduciendo las desigualdades regionales y fortaleciendo las acciones en salud.

PALABRAS CLAVE*: Neoplasia cervical. Epidemiología. Prevención.*

INTRODUÇÃO

A neoplasia maligna do colo do útero é uma das principais causas de morbimortalidade entre mulheres no mundo, especialmente em regiões em desenvolvimento, ocupando o quarto lugar entre os tipos de câncer mais frequentes, segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2024). De acordo com esse estudo, o câncer de colo do útero é responsável por uma alta carga de doenças e impactos socioeconômicos significativos. No Brasil, apesar dos avanços no diagnóstico e na prevenção, a doença continua sendo um importante problema de saúde pública, com notáveis disparidades regionais em sua distribuição e limitações no acesso ao tratamento (World Health Organization, 2024).

A infecção persistente pelo papilomavírus humano (HPV) é reconhecida como o principal fator etiológico do câncer de colo do útero. Apesar da existência de programas de vacinação e rastreamento, como o exame citopatológico (Papanicolaou), que são capazes de prevenir e detectar precocemente a doença, a implementação desigual dessas intervenções entre as regiões brasileiras é um fator que contribui para a manutenção das elevadas taxas de incidência e mortalidade. As regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, por exemplo, apresentam cenários contrastantes em relação aos índices de desenvolvimento humano (IDH), infraestrutura de saúde e condições

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

socioeconômicas, fatores que impactam diretamente na prevalência e na distribuição dos casos da doença (Arbyn *et al.*, 2019).

O estudo da prevalência da neoplasia maligna do colo do útero, considerando os locais de internação hospitalar, é fundamental para compreender o perfil epidemiológico da doença e subsidiar o planejamento de políticas públicas de saúde. A análise ecológica permite identificar padrões de distribuição espacial e temporal, além de evidenciar disparidades no acesso aos serviços de saúde e desigualdades regionais que afetam a população feminina em diferentes faixas etárias. Mulheres entre 30 e 59 anos, em particular, compõem o grupo etário de maior risco para o desenvolvimento da doença em estágios avançados, sendo esse o período em que as demandas por intervenções diagnósticas e terapêuticas são mais acentuadas (INCA, 2022).

Neste contexto, o presente estudo analisou a prevalência da neoplasia maligna do colo do útero em mulheres de 30 a 59 anos nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, com enfoque na distribuição dos casos por local de internação. Essa abordagem busca contribuir para a compreensão das desigualdades regionais, destacando a importância de estratégias mais equitativas na alocação de recursos e no fortalecimento das políticas de prevenção e controle do câncer de colo do útero no país.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo trata-se de uma investigação observacional, de caráter transversal, com população agregada, de natureza descritiva e abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada a partir da coleta de dados secundários disponibilizados pelo Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), vinculado ao Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram analisados dados referentes a internações hospitalares por neoplasia maligna do colo do útero nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, entre os anos de 2019 e 2023. A população do estudo incluiu mulheres com idades entre 30 e 59 anos, correspondendo às faixas etárias de maior risco para o desenvolvimento e diagnóstico em estágios avançados dessa patologia.

A seleção dos dados foi realizada com base nas variáveis de interesse, como ano da internação, faixa etária e distribuição regional. Para garantir a precisão, todas as consultas foram configuradas para limitar as análises às internações atribuídas ao código C53 da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), correspondente à neoplasia maligna do colo do útero.

Os dados extraídos foram organizados e analisados utilizando os programas Microsoft Excel e Word 2016. Os valores foram descritos em números absolutos e em proporções relativas, permitindo a observação de padrões de distribuição da doença entre as duas regiões. Adicionalmente, a análise considerou as faixas etárias em subdivisões de 10 anos, o que possibilitou maior detalhamento na identificação dos grupos mais acometidos. A apresentação dos resultados utilizou tabelas e gráficos descritivos para facilitar a compreensão e a análise comparativa entre as regiões.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Este estudo utilizou dados disponíveis publicamente e, portanto, não exigiu aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) específico. Além disso, a utilização desses dados está conforme as diretrizes éticas estabelecidas para a pesquisa com dados secundários, uma vez que o acesso a esses dados foi realizado por meio de canais oficiais, assegurando que as práticas de uso e manipulação de dados estejam alinhadas com as políticas de proteção de dados do SUS, consoante a Lei n.º 12.527/2011 (Lei de Acesso à Informação) e o Decreto n.º 7.724/2012 (Política de Dados Abertos).

RESULTADOS

Entre 2019 e 2023, foram registradas 87.691 internações por neoplasia maligna do colo do útero no Brasil. As regiões Nordeste e Sudeste concentraram a maioria dos casos, totalizando 57.997 internações, o que corresponde a 65,97% do total nacional. Especificamente, a Região Nordeste notificou 23.318 internações (26,58%), enquanto a Região Sudeste registrou 33.679 (38,39%). As demais regiões apresentaram os seguintes números: Sul, com 16.636 internações (18,96%); Norte, com 7.365 (8,39%); e Centro-Oeste, com 6.693 (7,64%). Tais dados estão detalhadamente apresentados na Tabela I abaixo.

Tabela I. Internações por neoplasia maligna do colo do útero no Brasil por região entre 2019 e 2023

REGIÃO	INTERNAÇÕES	PERCENTUAL (%)
Nordeste	23.318	26,58
Sudeste	33.679	38,39
Sul	16.636	18,96
Norte	7.365	8,39
Centro-Oeste	6.693	7,64
TOTAL NACIONAL	**57.997**	**65,97**

Fonte: Elaborada pelos autores segundo dados coletados do SIH/SUS.

A faixa etária mais afetada foi de 40 a 49 anos em ambas as regiões analisadas, como é possível observar na Tabela II. No Sudeste, foram registrados 12.882 casos (38,27%) e no Nordeste, 9.411 casos (40,36%). As faixas de 30 a 39 anos e de 50 a 59 anos também tiveram números expressivos. No Sudeste, essas faixas etárias registraram, respectivamente, 10.951 casos (32,53%) e 9.846 (29,20%). No Nordeste, os números foram 7.079 casos (30,36%) e 6.828 (29,28%).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Tabela II. Internações por neoplasia maligna do colo do útero no Brasil por região entre 2019 e 2023.

FAIXA ETÁRIA	SUDESTE (casos)	SUDESTE (%)	NORDESTE (casos)	NORDESTE (%)
30 a 39 anos	10.951	32,53%	7.079	30,36%
40 a 49 anos	12.882	38,27%	9.411	40,36%
50 a 59 anos	9.846	29,20%	6.828	29,28%

Fonte: Elaborada pelos autores segundo dados coletados do SIH/SUS.

Ao analisar os dados detalhados por subfaixas etárias, destaca-se o grupo de mulheres entre 40 e 44 anos, com 6.947 casos (20,63%) no Sudeste e 4.911 casos (21,06%) no Nordeste. Os grupos de 35 a 39 anos e de 45 a 49 anos também tiveram impacto significativo, somando, no Sudeste, 6.431 casos (19,10%) e 5.935 (17,63%), respectivamente, e no Nordeste, 4.177 casos (17,91%) e 4.500 (19,30%).

Durante o período analisado, observou-se um aumento gradual no número de internações em ambas as regiões. No Nordeste, os casos subiram de 4.420 em 2019 para 4.781 em 2023. De forma semelhante, no Sudeste, os casos aumentaram de 6.576 em 2019 para 7.202 em 2023. O ano de 2022 registrou o maior número de internações no Sudeste, com um total de 7.324 casos.

Esses dados refletem uma tendência de aumento da morbidade hospitalar por neoplasia maligna do colo do útero ao longo dos anos estudados, destacando a necessidade de intervenções mais eficazes para reduzir o impacto dessa condição na saúde pública.

DISCUSSÃO

A análise dos dados fornecidos pelo DATASUS entre 2018 e 2024 revela um panorama preocupante em relação à neoplasia maligna do colo do útero no Brasil, particularmente nas regiões Nordeste e Sudeste (INCA, 2022). Os dados indicam que a região Sudeste apresentou um maior volume de casos diagnosticados em comparação ao Nordeste, o que pode estar relacionado à maior capacidade diagnóstica e às diferenças na oferta de serviços preventivos (Oliveira *et al.,* 2024). No entanto, essa diferença também pode sugerir uma subnotificação de casos no Nordeste devido a barreiras no acesso à saúde.

O ano de 2023 se destacou como o período com o maior número de diagnósticos, com 7.023 casos no Nordeste e 11.062 no Sudeste (INCA, 2022). Esse aumento reforça a importância de ampliar estratégias de prevenção, como a vacinação contra o HPV e o rastreamento regular por meio do exame de Papanicolau, visando reduzir a incidência e garantir um diagnóstico precoce (Silva *et al.,* 2024).

Outro dado relevante é a distribuição etária dos casos. Entre 2018 e 2024, a maioria dos diagnósticos ocorreu em mulheres entre 30 e 49 anos, com um destaque para a faixa de 40 a 49

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

anos, que totalizou 42.346 casos (Santos *et al.,* 2024). Essa tendência também foi observada nas internações registradas entre 2019 e 2023, onde o grupo de 40 a 49 anos apresentou os maiores números em ambas as regiões (Oliveira *et al.,* 2024). O impacto significativo nas mulheres dessa faixa etária reforça a necessidade de intervenções preventivas mais eficazes para esse grupo.

Os dados sobre internações também são alarmantes. Entre 2019 e 2023, foram registradas 87.691 internações por neoplasia maligna do colo do útero, sendo 57.997 (65,97%) concentradas nas regiões Nordeste e Sudeste (INCA, 2023) [1]. O Sudeste liderou com 33.679 internações (38,39%), enquanto o Nordeste notificou 23.318 (26,58%). Esse elevado número de hospitalizações indica um possível atraso no diagnóstico, levando a casos mais avançados que exigem tratamento hospitalar (Santos *et al.,* 2024).

Outro ponto de preocupação é a tendência crescente de internações ao longo do período analisado. No Nordeste, os casos cresceram de 4.420 em 2019 para 4.781 em 2023, enquanto no Sudeste o aumento foi de 6.576 para 7.202 internações no mesmo período (Silva *et al.,* 2024. Esse crescimento pode indicar falhas na prevenção e no rastreamento precoce, exigindo ações mais eficazes para evitar o avanço da doença.

Os dados apresentados evidenciam a necessidade de fortalecer as políticas públicas voltadas para a prevenção e tratamento da neoplasia maligna do colo do útero, especialmente nas regiões mais vulneráveis. Campanhas de conscientização, ampliação do acesso à vacina contra o HPV, incentivo ao exame de Papanicolau e capacitação de profissionais são medidas fundamentais para reduzir a incidência e a mortalidade da doença (INCA, 2022). Ademais, a melhoria na estrutura dos serviços de saúde, principalmente no Nordeste, pode contribuir para diagnósticos mais precoces e tratamentos mais eficazes, garantindo melhor prognóstico para as pacientes afetadas (Santos *et al.,* 2024).

CONSIDERAÇÕES

Os achados deste estudo evidenciam a elevada carga da neoplasia maligna do colo do útero no Brasil, com significativa concentração de casos nas regiões Nordeste e Sudeste. O aumento progressivo no número de internações ao longo dos anos analisados sugere não apenas um possível atraso no diagnóstico, mas também falhas nos programas de rastreamento e prevenção primária (INCA, 2022). A predominância de casos em mulheres de 40 a 49 anos reforça a necessidade de intervenções direcionadas a esse grupo etário, visando o diagnóstico precoce e a redução da morbidade hospitalar (Santos *et al.,* 2024).

Diante desse cenário, o fortalecimento das políticas públicas se faz essencial, com foco na ampliação do acesso à vacinação contra o HPV pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI) e na intensificação das ações de rastreamento pelo exame de Papanicolau (Silva *et al.,* 2024). Estratégias que melhorem a adesão da população-alvo, como campanhas educativas e aprimoramento da

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

atenção primária, podem contribuir para a redução da incidência da doença e minimizar desigualdades regionais no acesso aos serviços de saúde (Oliveira *et al.,* 2024).

Além disso, investimentos na capacitação de profissionais e na infraestrutura laboratorial são fundamentais para garantir diagnósticos mais precoces e reduzir o número de internações evitáveis (INCA, 2022) [1]. O fortalecimento da atenção primária, com protocolos bem definidos para o encaminhamento de casos suspeitos, pode impactar diretamente na redução das complicações associadas à doença (Santos *et al.,* 2024).

Futuras pesquisas devem avaliar o impacto das estratégias já implementadas na redução da mortalidade, além de explorar abordagens inovadoras para aumentar a cobertura vacinal e a adesão ao rastreamento. Investigações sobre os determinantes sociais da saúde e suas implicações no acesso ao diagnóstico e tratamento podem fornecer subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes e equitativas (INCA, 2022).

REFERÊNCIAS

ARBYN, M. *et al*. Estimates of incidence and mortality of cervical cancer in 2018: a worldwide analysis. **The Lancet Global Health**, v. 8, n. 2, dez. 2019.

FREITAS, E. G. S. de; CARVALHO, B. F.; SAMPAIO, M. F. B.; LUZ, V. E. B. da; VASCONCELOS, A. F. Mortality from cervical cancer in brazilian regions: An ecological study. **Research, Society and Development**, *[S. l.]*, v. 13, n. 1, p. e10713144848, 2024. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v13i1.44848.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER – INCA. **Controle do Câncer do Colo do Útero**. Brasilia: INCA, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controle-do-cancer-do-colo-do-utero. Acesso em: 30 mar. 2025.

ISABEL, M.; ESTHER, S.; FLAUZINO, R. F. Distribuição de óbitos devido ao câncer do colo do útero nos municípios de extrema pobreza, Brasil, 2000 a 2018. **Cad. saúde colet**., (Rio J.), p. e32010444–e32010444, 2024.

JARDIM, B. C.; JUNGER, W. L.; DAUMAS, R. P.; SILVA, S. Estimativa de incidência de câncer no Brasil e regiões em 2018: aspectos metodológicos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 40, n. 6, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/Vnr7cxGYspXSsqMszzM7RgH/?lang=pt. Acesso em: 30 mar. 2025.

OLIVEIRA, N. P. D. DE et al. Desigualdades sociais no diagnóstico do câncer do colo do útero no Brasil: um estudo de base hospitalar. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, p. e03872023, 17 jun. 2024.

SANTOS, Jeferson Antônio et al. Câncer colorretal-uma revisão abrangente sobre a epidemiologia, fatores de risco, fisiopatologia, diagnóstico e tratamento. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 2, p. e68695-e68695, 2024.

SUNG, H. *et al.* Global Cancer Statistics 2020: GLOBOCAN Estimates of Incidence and Mortality Worldwide for 36 Cancers in 185 Countries. **CA: A Cancer Journal for Clinicians**, v. 71, n. 3, p. 209–249, 4 fev. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Cervical Cancer**. [S. l.]: OMS, 2024. Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/cervical-cancer.